



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO**

(Es Apl Sv Sau Ex / 1910)

1º Ten Alu DANIELA TEIXEIRA DOS SANTOS

A HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Rio de Janeiro

2019

1º Ten Alu DANIELA **TEIXEIRA** DOS SANTOS

A HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde do Exército, como requisito parcial para aprovação no Curso de Formação de Oficiais Médicos do Serviço de Saúde, pós-graduação *lato sensu*, em nível de especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

Orientadora: 1 º Ten **Ingrid** Rebelo de **Moura**

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE

ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO/BIBLIOTECA OSWALDO CRUZ

S237h Santos, Daniela Teixeira dos

A história e a importância da mulher no Exército Brasileiro / Daniela Teixeira dos Santos – 2019.

22 f.

Orientadora: 1º Tenente Ingrid Rebelo de Moura.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Escola de Saúde do Exército, Programa de Pós-Graduação em Aplicações Complementares às Ciências Militares, 2019.

Referências: f. 21-22.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho.

Assinatura

Data

1º Ten Alu DANIELA **TEIXEIRA** DOS SANTOS

1º Ten Alu DANIELA **TEIXEIRA** DOS SANTOS

A HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde do Exército, como requisito parcial para aprovação no Curso de Formação de Oficiais do Serviço de Saúde, pós-graduação *lato sensu*, em nível de especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

Orientador(a): 1 ° Ten **Ingrid** Rebelo de **Moura**

Aprovado em 30 de setembro de 2019.

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

1º Ten **Ingrid** Rebelo de **Moura**

Orientadora

Cap Otávio **Augusto** Brioschi Soares

Avaliador

***Com todo amor ao meu
companheiro Daniel, pela
compreensão e amparo nos
momentos difíceis!***

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe, que não mede esforços para que eu me dedique à minha formação de maneira plena, e se orgulha de todas as minhas vitórias.

Ao meu saudoso pai (*in memoriam*), que apesar da distância física permanece em meus pensamentos mais amorosos e influencia minha caminhada diária.

À minha família, que está presente nos momentos mais importantes da minha vida e se alegra com meu sucesso.

Eu sou aquela mulher que fez
a escalada da montanha da
vida, removendo pedras e
plantando flores.

Cora Coralina

RESUMO

O presente estudo relata sobre a história e a importância do segmento feminino no Exército Brasileiro. Descreve desde o pioneirismo de Maria Quitéria, aborda a trajetória das enfermeiras voluntárias na Segunda Guerra Mundial, apresenta a evolução da participação feminina com sua institucionalização através de concursos públicos e analisa a recente integração da mulher à Linha de Ensino Militar Bélico. Demonstra o progresso da atuação feminina na sociedade e no âmbito da Força Terrestre, com o aumento das áreas de atividade e a tendência de ascensão ao generalato. Realizada pesquisa bibliográfica onde foram analisados trabalhos e publicações em língua portuguesa, destacando-se as contribuições de autores como Almeida (2015) e Gomes (2016), e informações obtidas nas páginas eletrônicas do Exército Brasileiro, do Departamento de Educação e Cultura do Exército e do Ministério da Defesa. Conclui-se que, apesar do lapso temporal entre a primeira participação feminina e a oficialização deste processo, houve considerável desenvolvimento e este apresenta como propensão a igualdade total de posições entre os gêneros, alçando as mulheres aos máximos postos de comandos.

Palavras-chave: Exército Brasileiro. História Militar. Mulher Militar.

ABSTRACT

This study reports on the history and importance of the female segment in the Brazilian Army. Describes since the pioneering of Maria Quitéria, addresses the trajectory of volunteer nurses in World War II, presents the evolution of female participation with its institutionalization through public competitions and analyzes the recent integration of women in the Warlike Military Education Line. It demonstrates the progress of female action in society and within the Terrestrial Force, with the increase of the areas of activity and the tendency to ascend to the generalate. A bibliographic research was carried out, analyzing works and publications in the Portuguese language, highlighting the contributions of authors such as Almeida (2015) and Gomes (2016), and information obtained from the Brazilian Army websites, the Army Department of Education and Culture, and the Ministry of Defense. It is concluded that, despite the time lapse between the first female participation and the officialization of this process, there was considerable development and this one has as propensity the total equality of positions between genders, raising women to the highest positions of command.

Keywords: Brazilian Army. Military History. Military Woman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DESENVOLVIMENTO	11
2.1 METODOLOGIA.....	11
2.2 A ORIGEM DO EXÉRCITO BRASILEIRO	11
2.3 PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO FEMININA	12
2.4 ENFERMEIRAS NA 2º GUERRA MUNDIAL.....	13
2.5 INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SEGMENTO FEMININO.....	14
2.6 INCORPORAÇÃO À LINHA DE ENSINO MILITAR BÉLICO	15
2.7 PAPEL E IMPORTÂNCIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	18
3 CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

A origem do Exército Brasileiro (EB) teve como propósito a defesa da soberania da pátria contra invasores externos durante o Brasil Colônia. Sendo sua criação oficializada a partir da independência do Brasil, com o surgimento do Estado brasileiro (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, 2014). Possui como marco histórico a Batalha dos Guararapes em 1648, onde brasileiros e portugueses se uniram contra os holandeses para lutar em defesa do território nacional (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO, 2017).

Todavia, apenas em 1823 houve registro da primeira participação feminina na Instituição. Quando Maria Quitéria de Jesus atuou disfarçada no processo de independência do Brasil, agindo na linha combatente, no estado da Bahia.

Procedeu-se então um lapso temporal desde a primeira representação feminina no Exército até o ano de 1943, quando enfermeiras voluntárias foram integradas à Força Expedicionária Brasileira (FEB) e partiram para o apoio de saúde na 2ª Guerra Mundial.

Sucedeu-se mais um grande período até que houvesse nova incorporação do segmento feminino à Força Terrestre (FT). Pois somente em 1992, por meio de concurso público destinado ao preenchimento de vagas do Quadro Complementar de Oficiais (QCO), que as mulheres finalmente tiveram sua agregação ao EB oficializada.

Desde então o acesso feminino vem sendo ampliado, sendo permitida sua integração em diferentes instituições de formação militar, dentre as quais a Escola de Saúde do Exército (EsSEx), a Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx), o Instituto Militar de Engenharia (IME), a Escola de Sargentos de Logística (EsSLog) e a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Em vista disso, observa-se que o processo para a institucionalização da mulher no Exército acompanhou a transformação gradativa da sociedade como um todo. Pois esta anteriormente destinava ao segmento feminino atividades predominantemente relacionadas ao lar e à família, e a partir do seu desenvolvimento passou a integrar cada vez mais mulheres em ofícios antes dominados pelos homens.

Neste contexto, diante de todo este caminho percorrido pelo segmento feminino, é imprescindível elucidarmos sua trajetória e importância na carreira militar, pois estas, dadas as devidas proporções, reflete a evolução da nossa sociedade. E,

utilizando o passado e o presente como referências desta evolução, teremos um farol para a condução de um futuro mais igualitário entre os gêneros.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivos demonstrar a sequência histórica da inclusão do segmento feminino no EB, o avanço ocorrido durante este processo e a importância da contribuição feminina para a FT. Deste modo, para atingirmos tais propósitos, discorreremos sobre o tema da seguinte maneira:

- detalhando como ocorreu o ingresso das mulheres no EB, com o pioneirismo de Maria Quitéria;

- apresentando a evolução da participação feminina, a partir da institucionalização do segmento feminino através de concursos públicos; e

- demonstrando a ampliação de sua relevância junto às organizações militares, com o crescimento das áreas de atuação e a contribuição mais ativa do segmento feminino.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Para fundamentar o trabalho em questão, utilizou-se como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica, buscando analisar trabalhos e publicações em língua portuguesa que dissertassem sobre o princípio do EB, a partir de sua legitimação na Constituição Federal de 1824, avançando para o processo que envolveu a primeira participação feminina na FT, seu desenvolvimento e recente institucionalização e culminando com sua representação atualmente.

Como base para elucidação, foram utilizadas ideias de autores como: Almeida (2015) e Gomes (2016), além de ensaio teórico, manual, monografia, publicação periódica e dados das páginas eletrônicas do EB, do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) e do Ministério da Defesa.

2.2 A ORIGEM DO EXÉRCITO BRASILEIRO

O EB surgiu do desejo da nação em proteger sua soberania, unidade e integridade, sendo sua origem de fato legitimada na Constituição de 1824, após a independência do país e a criação do Estado Brasileiro.

Porém, desde o Brasil colônia, ocorriam mobilizações dos brasileiros visando a proteção do território nacional. Neste contexto, destaca-se a Batalha dos Guararapes, na qual brasileiros uniram-se aos portugueses para lutar contra as invasões holandesas no Nordeste do país.

A Batalha dos Guararapes é considerada como sendo um marco histórico da fundação da Instituição e a data da vitória do primeiro confronto: 19 de abril de 1648, sendo, por isso, apontada como o Dia do Exército.

Desde então, a FT passou a contribuir de forma determinante para a defesa da pátria durante todo o processo histórico nacional, tendo como principal e único constituinte durante longo período o gênero masculino. Entretanto, este cenário iniciou sua mudança em 1823, com a primeira participação feminina no EB.

2.3 PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO FEMININA

Maria Quitéria de Jesus nasceu em 1792 (1792-1853), no interior da Bahia, sendo a primeira mulher a integrar o EB. Maria Quitéria cresceu no meio sertanejo, onde aprendeu montaria, caça e a manusear armas de fogo (TEIXEIRA, 2011). Práticas que a auxiliaram mais tarde para o sucesso no meio militar.

Sua história no EB começou a partir do processo de independência do Brasil, declarada em 07 de setembro de 1822, pelo então Príncipe Regente do Reino do Brasil, Dom Pedro I. Visto que este processo sofreu resistência lusitana em diversas cidades do território nacional, tornando necessário o recrutamento de voluntários para aderir à luta armada em prol da manutenção da emancipação do país, e dentre estes encontrava-se Maria Quitéria.

O trâmite para o alistamento dos voluntários na Bahia, iniciou-se quando enviados pertencentes à Junta Conciliadora de Defesa buscaram indivíduos para incorporar o Exército “Libertador”. Assim, Maria Quitéria de Jesus vislumbrou a possibilidade de aliar-se ao movimento, porém seu pai, Gonçalo Alves, a proibiu. Contrariando a ordem paterna, fugiu de casa, e buscou refúgio junto à sua irmã, Teresa Maria, que era casada com José Cordeiro de Medeiros (TEIXEIRA, 2011).

Tendo o suporte que necessitava, Maria Quitéria cortou os cabelos e vestiu-se com roupas masculinas. Então disfarçada de homem engajou-se no Exército com a alcunha de soldado Medeiros, adequando o sobrenome de seu cunhado.

Sua identidade feminina foi revelada no momento de seu batismo de fogo, no Rio Paraguaçu. Mantendo-se nas fileiras militares mesmo após este episódio, e com o desejo de preservar sua feminilidade, adaptou ao seu uniforme um saiote, e a seu capacete um penacho (CORDEIRO, 2018).

Iniciou sua trajetória militar no regimento de artilharia, sendo posteriormente transferida para o regimento de infantaria e integrando o Batalhão de Voluntários do Imperador (A HISTÓRIA.COM.BR, 2019), participando de diversas batalhas, dentre as quais a de Pituba, Itapuã e da Foz do Rio Paraguaçu, destacando-se pela sua ousadia e bravura, além de influenciar outras mulheres a participarem das lutas.

Após o triunfo do movimento, recebeu de Dom Pedro I a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e foi alçada ao posto de Alferes (atualmente, o equivalente a 2º Tenente). E, aproveitando o ensejo, solicitou ao Imperador uma carta endereçada ao seu pai, para que este a perdoasse (TEIXEIRA, 2011).

Perdoada pelo seu pai, retornou para casa e casou-se com seu antigo namorado, Gabriel Pereira da Silva, com o qual teve uma filha, Luísa Maria da Conceição. Viveu até os 61 anos, falecendo na cidade de Salvador em 21 de agosto de 1853, quase cega e no anonimato.

No ano de 1996, por decreto do então Presidente da República, foi reconhecida como patrona do QCO (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2016).

Maria Quitéria foi a mulher pioneira no EB e demonstrou com seu exemplo a capacidade feminina em atuar na linha de frente da área combatente militar.

2.4 ENFERMEIRAS NA 2^o GUERRA MUNDIAL

Apesar da primeira participação de uma mulher no EB ter se dado na linha combatente e datada do século 19, somente em 1943 as mulheres voltaram a atuar na FT, e no âmbito do Serviço de Saúde (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2019).

Neste período, o Brasil declarou apoio aos Estados Unidos durante a 2^o Guerra Mundial, enviando a FEB à Itália e efetivando sua participação no conflito.

Embora o Exército já contasse com sargentos e cabos enfermeiros em seu corpo de saúde, estes formados na EsSEX, os Estados Unidos orientaram o país a criarem e enviarem à guerra um quadro feminino de enfermagem, por razões não esclarecidas (AMORIM; et al, 2007).

Por esta razão, a Instituição solicitou à diretora da Escola Anna Nery de enfermagem, a Sra. Laís Netto dos Reys, que viabilizasse a participação de suas alunas no Serviço de Saúde da FEB. Porém, ela foi contrária à adesão, visto que o Exército não tinha a intenção de conferir às discentes posto militar e soldo correspondente.

Com esta negativa por parte da Escola, o Exército viu-se obrigado a instaurar um processo de voluntariado, divulgado através da imprensa da época com grande apelo nacionalista, motivando as mulheres a ingressarem neste campo predominantemente masculino.

Posteriormente à convocação, houve a escolha das candidatas que de fato integrariam o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército. No decorrer do curso, coordenado em diversos estados do país, as enfermeiras enfrentaram duro processo de capacitação na área militar às vistas para a preparação adequada ao cenário de guerra.

Em outubro de 1944, as primeiras enfermeiras de um total de 73 saíram do Rio de Janeiro rumo à Itália, onde trabalharam em grupos e hospitais diversos, sob o comando da enfermagem norte-americana. Desta forma, foram incorporando hábitos e maneiras de trabalho dos Estados Unidos e entrando em contato com o avançado sistema de saúde americano vigente no período.

Após o término da Guerra, as últimas enfermeiras voluntárias da FEB retornaram ao Brasil, em setembro de 1945. Sendo, em sua maioria condecoradas e promovidas ao posto de oficiais e licenciadas do serviço ativo (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2019).

2.5 INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SEGMENTO FEMININO

O EB foi a última Força a permitir a presença feminina em suas fileiras, e o fez com turmas mistas, diferentemente da Marinha e da Aeronáutica, que constituíram quadros femininos.

Contudo, somente em 1992 que a participação da mulher foi institucionalizada no Exército, através de concurso público com vagas destinadas à antiga Escola de Administração do Exército (EsAEx), atualmente intitulada como Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx), localizada em Salvador (Bahia) (JUNIOR, 2018). Neste momento, houve a integração de 52 mulheres ao QCO, cujas idades variavam entre 22 e 36 anos, limite estabelecido para inscrição no concurso.

Após quatro anos o acesso do segmento feminino foi ampliado, sendo instituído em 1996 o Serviço Militar Feminino Voluntário para médicas, enfermeiras, farmacêuticas, dentistas e veterinárias (REVISTA VERDE-OLIVA, 2017).

Já no ano de 1997 houve o ingresso daquelas que seriam as primeiras oficiais de carreira médicas e engenheiras, nesta ordem, na EsSEEx e no IME, ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro.

No ano subsequente, em 1998, o EB estabeleceu o Estágio de Serviço Técnico para profissionais de nível superior que não eram da área de saúde. Desta forma, foram integradas à Instituição: administradoras de empresas, advogadas, professoras, contadoras, engenheiras, analistas de sistemas, jornalistas, arquitetas, dentre outras especialistas pertencentes as demais esferas das ciências exatas e humanas, podendo então permanecer na Força por até oito anos.

Em 2001 concurso público foi promovido pela EsSEx, com a inscrição de mulheres no Curso de Sargentos de Saúde, o qual entrou em vigor no ano de 2002.

Por fim, em 2017, o EB seguindo a evolução dos mais diversos panoramas da ideologia militar e após a Lei nº 12.705, sancionada em 2012 pela então presidente da República, Dilma Rousseff, instituiu a inclusão do sexo feminino na Linha de Ensino Militar Bélico (LEMB). Assim sendo, as mulheres atualmente podem ingressar na EsSLog e na AMAN, nesta através de concurso público para admissão na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), podendo optar pelo Serviço de Intendência e pelo Quadro de Material Bélico.

2.6 INCORPORAÇÃO À LINHA DE ENSINO MILITAR BÉLICO

O processo de preparação para a chegada das mulheres na LEMB foi iniciado em função do pressuposto na Lei Federal nº 12.705, de 8 de agosto de 2012, que regula sobre os Requisitos para Ingresso nos Cursos de Formação de Militares de Carreira do Exército (CID, 2018).

Foi então projetado pelo DECEEx, o “Projeto Inserção do Sexo Feminino na Linha do Ensino Militar Bélico do Exército Brasileiro” (PISFLEMB-EB).

O PISFLEMB-EB tem como meta implantar os meios fundamentais para que os estabelecimentos de ensino admitam e graduem o gênero feminino nas mesmas circunstâncias já concedidas ao gênero masculino.

Para atingir seus objetivos, a equipe do PISFLEMB-EB, dentre outras atividades, visitou e buscou referências nas escolas de formação de oficiais do Exército, da Aeronáutica, da Marinha e a Academia Militar dos Estados Unidos (USMA), em *West Point*.

Nestas organizações foram adquiridos dados e práticas que pudessem se ajustar à formação feminina na EsPCEEx/AMAN e na EsSLog. Além disso, foram coordenados estudos juntamente com o Centro de Capacitação Física do Exército de forma a adaptar as atividades às peculiaridades da fisiologia feminina, considerando-se a importância de manter o alto padrão físico do militar que atua na linha combatente.

Neste cenário, três aspectos foram analisados para adequar o processo de integração do segmento feminino à LEMB: preparação e capacitação dos membros

das organizações de ensino que recebem o sexo feminino, revisão da legislação e adaptação das instalações.

No ano de 2017 a primeira turma composta por homens e mulheres ingressou na EsPCEEx, destacando-se as quarenta jovens que se tornaram as pioneiras do Curso de Formação de Oficiais (CFO) da LEMB.

Neste mesmo ano, após seleção em âmbito nacional, instrutoras apresentaram-se na AMAN, e integraram o Curso Básico da instituição. Exerceram a atividade de adjuntas aos Comandantes de Subunidades e desenvolveram habilitações especiais para a cooperação na formação das mulheres combatentes. Vale ressaltar que, em 2016, a EsPCEEx elaborou o mesmo processo para constituir seu Corpo Docente.

A materialização de todo este processo preparatório ocorreu quando 34 jovens do sexo feminino, juntamente aos demais 380 rapazes, adentraram o Portão Monumental da AMAN, em 17 de fevereiro de 2018, representando a Turma Dona Rosa da Fonseca- Patrona da Família Militar.

Durante sua formação, as Cadetes seguem os princípios da Academia Militar, dentre os quais se destaca o princípio da isonomia, cuja ideia geral remonta à igualdade de tratamento entre ambos os sexos. Para tal, participam das mesmas instruções e atividades que os Cadetes do gênero masculino.

Em relação ao Curso de Formação de Sargentos (CFS) da EsSLog, 56 mulheres foram pioneiras e concluíram a graduação no ano de 2018, após dois anos de formação. Dividiram-se no Serviço de Intendência, no Quadro de Material Bélico (neste incluídos os cursos de Manutenção de Viatura Auto, Manutenção de Armamento e Mecânico Operador), Manutenção de Comunicações e Topografia. A turma Sesquicentenário da Batalha de Itororó, composta por 363 integrantes, entra para a história como sendo a primeira turma a formar militares do sexo feminino na LEMB (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2019).

É notável o avanço do EB frente à incorporação do segmento feminino à carreira militar, a qual seguiu as tendências da sociedade, e passou a associar as mulheres não somente às atividades ligadas ao cuidado com o lar, mas também a integrá-las de forma a participarem de ocupações tidas como majoritariamente masculinas.

O crescimento das áreas de atuação foi progressivo, e por fim acabou culminando com a recente introdução da mulher à área combatente. Embora essa

participação seja restrita ao Serviço de Intendência e ao Quadro de Material Bélico, excluindo as Armas: Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações.

Com o intuito de permitir uma discussão mais fundamentada sobre a ampliação da participação feminina nas Forças Armadas (FA), Almeida (2015) realizou um estudo em que aponta tendências contrárias e tendências favoráveis ao acesso das mulheres nas especialidades combatentes, baseando-se em informações de pesquisas realizadas ao redor do mundo.

Dentre os argumentos contrários à expansão da atuação da mulher destacam-se: o aspecto físico e as características fisiológicas inerentes ao sexo feminino que porventura possam impedir desempenho satisfatório nas atividades de combate; o aspecto psicológico, que poderia remeter à uma suposta fragilidade feminina em circunstâncias de estresse ou altas pressões, além de possíveis reflexos na liderança das mulheres sobre seus subordinados (homens e mulheres); o papel da mulher na sociedade, visto que a carreira militar exige grande mobilidade geográfica e um padrão de dedicação constante que poderiam abalar a família e prejudicar a atuação da mãe, já que esta não estaria mais tão presente; a influência na coesão da tropa, pois a presença da mulher poderia gerar sentimento protetivo/afetivo por parte do segmento masculino, com o propósito de preservar o chamado “sexo frágil” e acabando por comprometer o espírito de corpo; e questões ligadas aos crimes sexuais, com a possibilidade de as mulheres serem vítimas de assédio sexual e até estupros.

No que se refere às tendências favoráveis, o autor faz menção a algumas pesquisas que sugerem que em determinados exercícios as mulheres teriam maior resistência à fadiga e maior estabilidade que os homens, e que muitas delas alcançam níveis de desempenho físico similar ao do sexo masculino. Além de observar que uma quantidade considerável de mulheres participa de conflitos armados, especialmente em países como Afeganistão, Síria e Iraque.

Quanto à questão psicológica, o autor faz referência às diversas mulheres que exercem papel de liderança em organizações civis e militares, onde têm que atuar com grande responsabilidade e alto padrão de exigência, sofrendo todo tipo de pressão para efetuarem um trabalho correto e que muitas vezes gera risco para sua própria vida e de subordinados, dentre as quais se destacando as promotoras, magistradas, delegadas, entre outras.

Já em relação à atuação da mulher quanto ao papel de matriarca, salienta-se que é algo que concerne apenas ao desejo desta em fazê-lo ou não. E que se ela opta

por integrar as FA, o faz sabendo do nível de exigência do meio militar e as consequências advindas.

No que tange à reação masculina frente à mulher combatente, Almeida (2015) menciona estudos que demonstraram não haver modificação na coesão da tropa, e que em alguns casos, após um determinado período, o segmento feminino já estava totalmente integrado e por vezes apresentando melhor desempenho que o segmento masculino.

Em relação à possibilidade de ocorrerem crimes sexuais frente a mulher combatente, o autor enfatiza que a preparação conjunta entre homens e mulheres fará com que todos se enxerguem somente como militares, além de relatar que o Código Penal Militar, de acordo com o art. 232, pune o crime de estupro com reclusão de 3 a 8 anos, na paz; e conforme o art. 408, há a possibilidade de aplicação de pena de morte.

Por fim, o que se pode afirmar até o presente momento, é que a admissão da mulher na linha bélica expressa a inovação do EB em relação à atividade-fim a qual este se destina: o combate. Mesmo que atuando, a princípio, na área logística, o padrão da mulher combatente é diferenciado. A sargento e a oficial combatente entrarão em contato durante toda sua carreira com os riscos intrínsecos da profissão militar, sem diferenciação de gênero, podendo demonstrar enfim, sua capacidade de exercê-la em plenitude, inclusive na linha de frente da área combatente.

2.7 PAPEL E IMPORTÂNCIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Por questões históricas, sociais e culturais a mulher teve por muito tempo seus direitos e valor menosprezados. A partir do movimento feminista- movimento social e político iniciado no século XIX, em prol da garantia de direitos das mulheres, e em particular pela igualdade de direitos entre os sexos- passou-se a questionar uma maior representação feminina nos meios econômico, político e social (BEZERRA, 2019).

O pensamento da sociedade que antes caracterizava a mulher como um sexo frágil, limitada às tarefas domésticas, sofreu mudanças que permitiram ao gênero a inserção em um mercado de trabalho mais amplo e diverso, o qual inclui a carreira militar. Embora de acordo com Gomes (2016), a integração feminina aos exércitos ocidentais tenha ocorrido de forma desigual, e ainda enfrente barreiras para a aceitação da mulher atuante na linha combatente.

O papel e a importância do sexo feminino no EB nos remetem inicialmente a uma rede de apoio ao segmento masculino da Instituição, possivelmente pela história recente de incorporação do gênero, pela quantidade muito inferior de mulheres comparada a de homens e pela limitação encontrada para atuação feminina na linha combatente, esta sendo oficializada apenas recentemente. Porém esse panorama vem mudando paulatinamente, visto as maiores oportunidades para o desempenho feminino em diferentes postos e graduações, o crescente número de mulheres oficiais superiores e apresenta como tendência a médio e longo prazo a ascensão feminina ao generalato e conseqüentemente aos maiores postos de comando.

3 CONCLUSÃO

Assim sendo, narrar a história da mulher no Exército, a qual reflete o contexto de ambiente social no qual estamos inseridos, é de grande relevância para o entendimento da evolução do segmento feminino. Norteando as ações a serem tomadas na atualidade e futuramente, para que possa haver cada vez mais valorização e contribuição do gênero tanto na carreira militar quanto na sociedade como um todo.

Dentre as fontes utilizadas como referências no presente trabalho, é consenso a trajetória de lutas e conquistas que permeiam a história da mulher no EB. Destacando-se nestes o pioneirismo de Maria Quitéria atuando na área combatente como marco fundador da participação feminina na carreira militar.

Demonstra-se ainda o lapso temporal desde a primeira participação do segmento feminino na FT até sua institucionalização. Esta por sua vez seguindo as tendências da sociedade quanto à crescente representação feminina nos diversos âmbitos da mesma, incluindo as áreas de trabalho que anteriormente eram consideradas tradicionalmente masculinas.

Vale ressaltar, ainda, que o EB vem avançando neste quesito, pois já admite mulheres na LEMB, embora esta participação ainda seja limitada ao Serviço de Intendência e ao Quadro de Material Bélico.

Conclui-se que, apesar da incorporação feminina ao Exército ter ocorrido de forma tardia, a Força vem oferecendo a cada dia melhores condições de integração da mulher, maiores oportunidades de atuação, fazendo com que a importância do segmento feminino cresça gradativamente e apresentando como tendência a médio e longo prazo a igualdade total de posições entre os gêneros, alçando a mulher aos postos de comando máximos.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA.COM.BR. **A História e a Biografia de Maria Quitéria**. Disponível em: <http://www.ahistoria.com.br/biografia-maria-quiteria/>. Acesso em: 02 jul. 2019
- ALMEIDA, V. H. A. **Mulheres nas Forças Armadas brasileiras: situação atual e perspectivas futuras**. Brasília: Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, 2015. 47 p.
- AMORIM, W. M.; et al. **Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial: repercussões dessa participação**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400010. Acesso em jul. 2019
- BEZERRA, J. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/feminismo/>. Acesso em 02 jul. 2019
- CID, M. C. L. **Entrevista com o General Mauro Cesar Lourena Cid**. [maio 2018]. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Exército Brasileiro, 2018.
- CORDEIRO, T. Mulheres que mudaram a história: Maria Quitéria. **Super Interessante**, [S.l.], jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/mulheres-que-mudaram-a-historia-maria-quiteria/>. Acesso em: 03 jul. 2019
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO. **História do Exército**. Disponível em: <http://www.decex.eb.mil.br/ultimas-noticias/2-uncategorised/102-historia-do-exercito>. Acesso em: 02 jul. 2019
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **O Exército Brasileiro**. 1º edição. Brasília: Centro de Doutrina do Exército, 2014. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/documents/10138/6563889/Manual+-+O+Exército+Brasileiro/09a8b0d2-81d0-4a69-a6ea-0af9a53eaf45>. Acesso em: 13 maio 2019
- EXÉRCITO BRASILEIRO. **A história da mulher no Exército**. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURI/content/a-historia-da-mulher-no-exercito. Acesso em: 01 maio 2019
- EXÉRCITO BRASILEIRO. **Escola de Sargentos de Logística forma 1º turma com presença de mulheres na Linha de Ensino Militar Bélico**. Disponível em: https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/escola-de-sargentos-de-logistica-forma-1-turma-com-presenca-de-mulheres-na-linha-de-ensino-militar-belico/8357041. Acesso em: 02 ago. 2019
- GOMES, J. C. Caxias e as mulheres-soldado: um estudo sobre “o teto e o piso de vidro” para as mulheres no Exército Brasileiro. In: GASTALDO E. L.; LOPES M. S. S.; VIEIRA R. C. A. (Org.). **Mulheres na sociedade**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, 2016. p 92-104.
- JUNIOR, I. F. V. A trajetória das mulheres no Exército Brasileiro: um caminho para a igualdade de gênero. In: XXIII JORNADA DE PESQUISA, 9., 2018, Ijuí. **Anais**

eletrônicos... Ijuí: UNIJUÍ, 2018. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/9779>. Acesso em: 12 maio 2019

MINISTÉRIO DA DEFESA. **História de mulheres nas Forças é repleta de lutas e conquistas**. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/noticias/18669-historia-de-mulheres-nas-forcas-e-repleta-de-lutas-e-conquistas>. Acesso em: 03 maio 2019

PENSADOR. COM. Disponível em: https://www.pensador.com/cora_coralina/. Acesso em: 03 ago. 2019

REVISTA VERDE-OLIVA, Brasília: Centro de Comunicação Social do Exército, 2017. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/001238206993ef61f042e>. Acesso em: 01 maio 2019

TEIXEIRA, R. V. **O pioneirismo de Maria Quitéria e a participação da mulher no Exército Brasileiro**. 2011. 17 f. Monografia- AMAN, Resende, RJ, 2011. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/o-pioneirismo-maria-quiteria-participacao-mulher-no-exercito-brasileiro.htm>. Acesso em: 01 maio 2019